

Brasil, um país do futuro: projeções religiosas e leituras sobre um mote de Stefan Zweig

Brasil, um país do futuro: religious projections and readings of Stefan Zweig's prophecy

Vinicius Mariano de Carvalho*

Resumo

Este artigo propõe-se a fazer uma leitura da obra **Brasil, um país do futuro**, do escritor vienense Stefan Zweig, ressaltando o quanto o discurso empregado pelo autor está revestido de certo aspecto profético quando fala do Brasil. Seu desejo de querer ver no Brasil da década de 1940 uma terra livre das intolerâncias e violências que assolavam a Europa de então, fustigada pela 2ª Guerra Mundial, fez com que Zweig revivesse a imagem mitológica de que o Brasil era uma terra paradisíaca, um éden reencontrado. A descrição que faz do Brasil, mais que otimista, adquire um aspecto profético quando o autor reforça que a harmonia e paz reinantes no país faziam deste o *locus* para o acontecimento de um futuro utópico, messiânico. Curiosamente o escritor/profeta, muitas vezes, trai suas profecias, projetando no Brasil valores de sua Europa e às vezes chega mesmo a se contradizer no que tange à questão da tolerância e harmonia que via no Brasil.

Palavras-chave: Stefan Zweig; Literatura de viagem; Profetismo; Intolerância; Messianismo.

O escritor Stefan Zweig, nascido em Viena em 1881, marcou profundamente o mundo cultural da primeira metade do século XX, sendo traduzido para dezenas de idiomas e figurando ainda hoje na lista dos grandes escritores do último século do segundo milênio. Zweig viveu as contradições drásticas do seu tempo: grande desenvolvimento da técnica e guerras de proporções nunca vistas. Em virtude disso, sua obra ficou marcada por uma combinação de intimismo idílico e falta de esperança.

* Texto recebido em dezembro/2006 e aprovado para publicação em dezembro/2006.

† Doutor em Literaturas Românicas pela Universidade de Passau, Alemanha e mestre em Ciência da Religião pela UFJF; regente: professor de Filologia Românica da UFJF. e-mail:rennavmce@hotmail.com

Em 1936, a convite do então presidente da República brasileira, Getúlio Vargas, Zweig visitou o Rio de Janeiro e São Paulo e se encantou de tal forma com o Brasil e com a forma que fora recebido que prometera voltar para escrever um livro sobre o país, no qual vislumbrava uma alternativa para a discórdia e os fracassos humanos da Europa de seu tempo, a despeito de o país viver nesta época sobre a ditadura do Estado Novo.

Em 1940, após o início da 2ª Guerra Mundial com a Europa já em grande parte tomada de ódios e destruições, Zweig retorna ao Brasil e fica por quase seis meses visitando o país e colhendo material para seu livro, que ele conclui em janeiro de 1941 já nos EUA. *Brasilien - ein Land der Zukunft* (Brasil, um país do futuro) é lançado em seis línguas ao mesmo tempo e alcança um sucesso considerável, projetando o Brasil internacionalmente. O sucesso do livro foi tamanho que o seu título passou a funcionar como um epíteto ao país.¹

Em 1941 Stefan Zweig retorna ao Brasil, desta vez definitivamente, abandonando a Europa, considerada por ele já uma terra sem esperanças em virtude de toda a destruição provocada pela guerra. Passou a viver em Petrópolis (RJ) com sua mulher esperando pelo fim da guerra. Curioso notar que o Brasil vivia neste período anos duros sob a ditadura de, no mínimo, inspiração fascista, de Vargas, com perseguições, prisões e mortes por motivações políticas e isso não afetou a escolha de Zweig pelo Brasil. Durante esse período planejou escrever uma biografia de Montaigne e uma obra sobre Balzac, no entanto, mesmo distante da guerra, não encontrou no Brasil o sossego desejado e poucos dias após o Carnaval, a 23 de fevereiro de 1942, suicida-se junto de sua mulher, Lotte Zweig, ingerindo forte dose de venenos. Em uma “declaração” dizia estar certo da vitória sobre as forças obscurantistas, mas reconhecia-se impaciente demais para esperar.²

A obra de Zweig, de uma escrita fluente e prazerosa, procura apresentar o Brasil, o novo mundo, em suas potencialidades construtivas como uma alternativa para o velho mundo em destruição. Longe de uma mera descrição, o livro é uma verdadeira apologia ao Brasil e seu tom laudatório é notável do início ao fim da obra. Não é apenas mais uma narrativa de viagem, mas uma peça de propaganda das de melhor qualidade.

A obra tem muitos méritos e a primeira delas é revelar o Brasil ao mundo. O próprio escritor reconhece seu desconhecimento anterior sobre o país:

¹ Em 1987, o conjunto de rock Legião Urbana em sua canção *Que país é este?* dizia: “O Brasil é o país do futuro”.

² Para maiores detalhes sobre a vida de Stefan Zweig consultar a obra magistral de Alberto Dines, 2004. A primeira edição desta biografia magistral é de 1981 pela editora Nova Fronteira.

Sobre o Brasil, eu tinha a mesma imagem algo pretensiosa que tem o europeu ou o norte-americano medianos [...]: uma daquelas repúblicas sul-americanas que não distinguimos bem umas das outras, com clima quente e insalubre, situação política instável e finanças em desordem, mal administrada e onde apenas as cidades litorâneas são relativamente civilizadas, porém geograficamente belo e com muitas possibilidades mal aproveitadas. (ZWEIG, 2006, p. 13)

Situação semelhante se perpetua até os dias de hoje e não raro se encontram pessoas que imaginam que se fala espanhol no Brasil e, alguns mais desavisados, imaginam ser Buenos Aires a capital do Brasil.³ Dessa forma, ainda que, conforme já ressaltamos, de forma muito apologética, Zweig leva a público muitos dados sobre o Brasil, fazendo-o mais conhecido uma vez que, segundo o próprio escritor, “Em termos culturais, o Brasil é, até hoje, a mesma terra incógnita que, no sentido geográfico, foi para os primeiros navegantes” (ZWEIG, 2006, p. 13).

A aproximação ao livro neste texto será dada por dois caminhos diferentes, mas, apesar disso, não divergentes. Será feita uma leitura de **Brasil, país do futuro** em uma perspectiva religiosa e também uma análise do discurso de Zweig. A escolha desses dois referenciais se deve ao fato de se perceber como o texto de Zweig guarda características convidativas a uma análise religiosa e como, muitas vezes, seu discurso se contradiz de forma extrema.

Hoje, mais de 60 anos após ter sido publicado (portanto já um futuro – ou não?), o livro de Zweig sobre o Brasil merece também uma releitura na qual seja possível comparar, criticamente, o Brasil de então com seu presente. Assim, esta leitura caminhará por terrenos amplos, porém delimitados e congruentes. Não se trata de um estudo exaustivo sobre a obra ou o autor, mas de uma leitura possível, levando em conta o contexto no qual foi escrita e o que condicionava o autor no momento de sua escritura.

O que há de religioso em **Brasil, um país do futuro**

O futuro, tempo usado por Zweig ao falar do Brasil, é uma referência que nos permite muitas especulações. Escolher falar do futuro é querer falar do que não chegará. Falar do futuro é falar do porvir, é falar do sempre. Assim como o passado (*illo tempore*) o futuro é também um tempo mítico, no qual tudo irá se realizar, é o tempo da esperança. Não é à toa que é o tempo do

³ João Ubaldo Ribeiro, notório escritor e membro da ABL, em sua obra **Um brasileiro em Berlim**, relata diversas histórias relativas a esses equívocos quanto ao Brasil.

discurso religioso por excelência. No futuro grandes coisas serão realizadas, no futuro voltará o Senhor, no futuro haverá o Juízo Final, no futuro chegará o Messias etc.

O futuro é o tempo da Utopia, do mundo ideal. Em vários momentos da história da humanidade essa Utopia se materializa, principalmente, em movimentos religiosos, mas também são notáveis outras realidades (podemos aqui lembrar das idéias utópicas quanto ao Novo Mundo após as grandes descobertas marítimas, o ideal utópico presente nas formulações socialistas etc.).

Este tipo de discurso utópico nos remete a um dos mitos mais significativos do Ocidente que é o Mito do Messianismo. E aqui é preciso se entender Messianismo não simplesmente como algo focalizado e localizado em uma pessoa, o Messias, mas também como uma estrutura de pensamento (religioso) no qual se deposita no futuro a corporificação de uma redenção, de uma salvação, seja ela escatológica, transcendente, social, política.⁴

Na “constelação” desse mito uma personagem desempenha um papel quase mais importante do que a do próprio messias: o profeta. Na tradição judaico-cristã, a este cabe sempre denunciar e anunciar. O profeta surge no momento em que as estruturas sociais estão debilitadas e devem ser criticadas e as esperanças precisam ser reavivadas, quando então anuncia uma “salvação” futura. Nesse caso, quem se lança a conjecturar sobre o futuro, colocando neste todas as esperanças, em contraponto ao presente desolador, está profetizando.

Em Brasil, país do futuro, podemos notar como ganham corpo os ideais utópicos e como o Brasil é apresentado messianicamente por Zweig, que adquire, em nossa leitura, um *status* de profeta.

O escritor/profeta sabe da dificuldade de sua missão e, em várias partes da obra, aponta quão árdua é sua tarefa. Numa frase bastante sugestiva, Zweig, ainda na introdução do livro, diz que pretende nesta “dizer, com a maior franqueza possível” o que o levou a se ocupar “de um tema aparentemente tão distante” do seu “trabalho normal” (ZWEIG, 2006, p. 13). A expressão “maior sinceridade possível” nos leva, leitores desconfiados, a indagar a necessidade desta afirmação, os limites dessa sinceridade. Um romancista, como Zweig, tem a obrigação com a verdade? Um profeta fala do que vê ou do que vislumbra?

Mais adiante afirma o escritor vienense: “É impossível conhecer inteiramente o Brasil, esse mundo tão vasto. [...] Uma vida inteira não bastaria para

⁴ Exemplo marcante da materialização do Messianismo é a vivência do mesmo na cultura lusitana com a figura d’El Rey D. Sebastião, desaparecido na África em uma batalha em Alcácer-Quibir, deixando o Reino de Portugal sem sucessor direto. Sua espera como a um Messias seria para restaurar o reino que, desde seu desaparecimento, estava nas mãos dos espanhóis. Este mito, chamado Sebastianismo, conservou profundas raízes na mentalidade portuguesa, e conseqüentemente brasileiras, inspirando desde poemas clássicos até poesia de cordel no nordeste brasileiro. Messianico e Sebastianista também era o movimento de Antônio Conselheiro.

poder afirmar: conheço o Brasil” (ZWEIG, 2006, p. 16). Com essas duas afirmações notamos como a correlação entre Brasil e futuro começa a se tornar possível e real, uma vez que o que não se conhece é o que está por vir, o futuro. Quando Zweig diz que não se pode conhecer o Brasil em uma vida, estabelece em qual instância se pode falar dele: o futuro. O autor é literal neste sentido quando afirma: “Percebi que tinha lançado um olhar para o futuro do nosso mundo” (ZWEIG, 2006, p. 15).

Como é próprio do discurso profético, as certezas sobre o futuro são ao mesmo tempo seguras e incertas. Seguras, pois o profeta está convencido do que diz; mas também incertas, pois resultado do que o profeta vislumbra, havendo sempre nesse discurso uma margem para “variantes”. Zweig se comporta bem nessa estrutura e diz: “Por honradez, tampouco posso fornecer conclusões definitivas, previsões e profecias sobre o futuro econômico, financeiro e político do Brasil” (ZWEIG, 2006, p. 17). Isso funciona de certa forma como uma desculpa caso as “profecias” não se cumpram. Na metade do livro, outra vez uma proteção: “Lançar um olhar para o futuro a partir do presente é sempre arriscado” (ZWEIG, 2006, p. 117). Mesmo tão certo da falta de solidez em se falar do futuro é isso que o escritor/profeta faz em todo o seu livro.

O retrato que Zweig faz do Brasil não se diferencia muito de outra estrutura cara ao discurso religioso: a linguagem do mito. Zweig repete o que outros cronistas já haviam dito sobre o Brasil desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, uma apologia à terra e à gente. Analisando mais profundamente, nota-se o quanto essas narrativas estão cobertas de uma mentalidade que quer ver no Novo Mundo o Paraíso Perdido. Não são poucas as vezes em que se percebe descrições do Brasil próximas às que o texto bíblico faz do Paraíso e não é diferente no texto do escritor Vienense. Quase que numa reedição do “não existe Pecado abaixo do Equador”, Zweig descreve a terra como a “Terra sem Males”⁵ e a gente brasileira como ainda raça adâmica.

Zweig inicia sua obra opondo a Europa, continente da civilização, da cultura, da história, que naquele momento está se destruindo, ao Brasil, terra natural, desprovida da cultura histórica do velho continente, mas aberto ao futuro, ao desenvolvimento. Lamentando-se dos sucessos da guerra suicida na Europa, diz Zweig: “Cada vez mais ardente se tornou o meu desejo de me afastar por algum tempo de um mundo que se destrói para um mundo que se constrói pacífica e criativamente” (ZWEIG, 2006, p. 15).

⁵ Aqui me refiro ao mito indígena brasileiro, segundo o qual haveria uma “Terra sem Males” a oeste do território e que motivou muitas migrações de tribos inteiras nessa direção.

Sobre suas impressões sobre a terra do Brasil, que o levam a crer cada vez mais de que se trata de um paraíso, diz o escritor:

Foi uma das impressões mais poderosas que eu experimentei em toda a minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, estremei. Pois não apenas me defrontei com uma das paisagens mais belas do mundo. [...] Havia cor e movimento. O olhar excitado não se cansava de ver e, para onde olhasse, era recompensado. Fiquei possuído por um torpor de beleza e de felicidade que excitava os sentidos, crispava os nervos, dilatava o coração, ocupava o espírito, e quanto mais eu via, nunca era o bastante. (ZWEIG, 2006, p. 14)

Além das qualidades idílicas da terra, Zweig também vê no homem brasileiro o exemplo de convivência pacífica e harmônica entre diferentes. Para Zweig o Brasil resolveu o problema de convivência amistosa entre diferentes raças, classes, pigmentos, crenças e opiniões, isso em plena Ditadura do Estado Novo.

Zweig vê no Brasil a solução para os problemas raciais do mundo, ou seja, a unidade e a fraternidade entre os povos (valores intimamente religiosos), pois para ele não havia no Brasil nenhuma diferença entre as pessoas de cores e raças diferentes.

Ainda que longa, a citação seguinte se faz necessária para que se note de maneira mais evidente como o escritor vienense vê de maneira utópica o Brasil:

Este problema central [...], é a necessidade de responder à pergunta tão simples e, ao mesmo tempo, tão imperiosa: como conseguir em nosso mundo uma convivência pacífica entre as pessoas apesar da diversidade de raças, classes, cores, religiões e convicções? Esse é o problema com que toda comunidade, todo país sempre volta a se defrontar. A nenhum outro país senão no Brasil ele se impôs em uma constelação tão complicada, e nenhum outro país [...] conseguiu resolvê-lo de maneira tão feliz e exemplar como o Brasil. [...]. Pela sua estrutura etnológica, caso tivesse acompanhado a loucura nacionalista e racista da Europa, o Brasil deveria ser o país mais dividido, menos pacífico e mais conturbado do mundo. [...] Para surpresa, descobre-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem uma das outras, convivem em plena harmonia [...]. (ZWEIG, 2006, p. 17-18)

Este tema das raças é principalmente caro ao escritor/profeta, vivenciador e vítima da intolerância racial européia de seu tempo. Sua “visão” acerca da democracia racial do Brasil o faz imaginar ter o país encontrado a solução para a convivência harmoniosa entre todos os seres humanos, independentemente de raças.

Nosso escritor/profeta anuncia então o novo, ou melhor, o que o Europeu já havia perdido, o lugar onde se encontra a salvação, onde há espaço para todos, onde reina a concórdia. O paraíso é reencontrado. No Brasil, segundo Zweig, não se têm os problemas que tanto atemorizam a Europa de sua época: a falta de espaço, a guerra, os ódios raciais e a destruição.

Dezenas de vezes em sua obra, Zweig ressalta o fato de o território brasileiro ser muito amplo e não haver gente para viver em todo ele, apontando sutilmente para algo que foi um dos principais problemas para a Europa e foi um dos motes da campanha nazista de expansão e domínio: a falta de espaço vital para os alemães.

Zweig critica a loucura europeia da busca por uma raça pura e louva a integração racial vista no Brasil. Sua tentativa de anunciar uma “nova terra” livre dos males da Europa é de tal forma apologética que Zweig não vê, ou não quer ou pode ver, as diferenças raciais e nega a existência de preconceito no Brasil. Para Zweig a mistura das raças foi uma escolha consciente do brasileiro, não atentando para o fato que os “mulatos e mestiços” em um primeiro momento foram filhos bastardos de portugueses com escravas negras, que serviam sexualmente aos seus senhores, e, uma vez nascidos, eram fadados à própria sorte de suas mães. Zweig simplesmente nega algo visível na sociedade até os dias de hoje, a cruel diferença entre brancos e negros, historicamente negada e rebaixada de importância. Até mesmo a infâmia da escravidão no Brasil é atenuada por Zweig que chega à estapafúrdia afirmação: “Em nenhum outro país os escravos foram tratados de forma relativamente mais humanitária” (ZWEIG, 2006, p. 22). O deslumbre utópico de Zweig, civilizado e humanista, não o permite ver a ignomínia da escravidão.

Sua “polidez” ao tratar do assunto é tamanha que chega a dizer: “falta totalmente no vocabulário brasileiro a palavra correspondente depreciativa para o negro ou o crioulo, pois quem poderia, quem quereria se gabar aqui de ser de raça pura” (ZWEIG, 2006, p. 19). Zweig aqui dá provas de sua visão extremamente externa de Brasil. Ora, é sabido que o próprio termo crioulo é correntemente empregado no Brasil de forma depreciativa referindo-se aos negros e hoje constitui uma daquelas palavras politicamente incorretas que bem denotam o preconceito racial. Além dessas poderíamos fazer uma outra lista de termos e piadas nas quais a condição de negro é motivo para zombaria e segregação.

Nem os desmandos, brutalidades e tiranias da ditadura Vargas que governava o Brasil nos tempos em que Zweig escreveu sua obra são tocantes para ele, que os considera pequenos diante do que se passava em sua Europa e no seu

afã de propagar a nova terra, fértil, vazia de gente, livre, aberta ao estrangeiro, que o conduz a uma seleção muito criteriosa do que dizer sobre o Brasil e é sempre nesse tom elogiativo, apologético e laudatório que apresenta o país.

Sua convicção profética é tamanha que termina a introdução ao livro com as seguintes palavras: “Ao vislumbrar esperanças de um novo futuro em novas regiões em um mundo transtornado, é nosso dever apontar para este país e para tais possibilidades. E por isso escrevi este livro” (ZWEIG, 2006, p. 23).

Neste trecho fica evidente o quanto Zweig, talvez não desejoso ou consciente disto, porém totalmente imbuído deste espírito, assume-se profeta de um futuro melhor, diferente das experiências que o mundo vivia então, experiências que o escritor/profeta sofreu na própria carne, por ser judeu.

Nosso escritor/profeta porém deixa muitos espaços em sua escritura que nos permitem notar pequenas traições de suas convicções, ou, no mínimo, um não completo vislumbre desta terra nova livre dos males do Velho Mundo. O escritor/profeta não vê o novo no Brasil, mas quer apenas ver o mundo que conheceu antes das guerras que vivenciou na Europa. Seu futuro é um pretérito mais-que-perfeito.

A traição do Profeta

Depois de apontar alguns aspectos que aproximam o texto de Zweig de um discurso religioso, passa-se a notar como o nosso escritor/profeta, na verdade, trai seu princípio e o novo que anuncia é alcandorado por valores muito próximos aos que denuncia.

Na descrição do Brasil e no elogio de suas origens e potencialidades o escritor vienense deixa transparecer em seu discurso uma forte dose de concordância velada a certos valores que critica na velha Europa. Stefan Zweig quer apontar o quanto o Brasil é mais humano e tolerante, mas o faz, algumas vezes, mostrando o seu contrário ou atenuando o que destoa daquilo que quer ver, e mostrar, do Brasil. Em resumo, por mais que critique e denuncie a situação da Europa, Zweig é de seu tempo e conserva consigo os valores de sua terra, que podem ser lidos nas entrelinhas de seu discurso. A leitura que Zweig faz da história do Brasil é completamente eurocêntrica, desconsiderando a cultura indígena e resguardando ao europeu o papel de verdadeiro civilizador.

Sobre a Religião, quando apresenta a história do Brasil, Stefan Zweig acentua a importância dos missionários jesuítas europeus que “humanizaram” os indígenas retirando-lhes do paganismo e levando-os ao batismo. Sua posi-

ção católica (não podemos esquecer que se trata de um judeu) e intolerante é mais notável quando relata a expulsão dos holandeses, protestantes, que invadiram o nordeste. Diz o autor: “De novo são elementos eclesiásticos que assumem a liderança, por reconhecerem a importância vital de manter o novo país livre de toda infiltração de elementos protestantes” (ZWEIG, 2006, p. 50). Ora, a escolha das palavras infiltração e elementos é de tal forma reveladora que sequer há sutileza em sua aversão ao protestantismo.

Quanto à raça, algo de que já falamos anteriormente sobre as considerações de Zweig, é importante notar o quanto seu discurso é recheado de sutis preconceitos e predileções.

Contradizendo sua idéia inicial de mestiçagem consciente ocorrida no Brasil, ressaltando a devassidão dos portugueses que primeiro ocuparam a terra unindo-se a índias e escravas negras e gerando assim mulatos e mestiços, Zweig de certa maneira desconsidera essas “raças” perguntando-se: “Como constituir uma família, a base da cultura burguesa, na falta total de mulheres brancas?” (ZWEIG, 2006, p. 41)

Ainda que louvando a mistura de raças no Brasil, o vienense não consegue sublimar sua visão de uma Europa superiora diante do negro e do índio. Sempre que fala da presença negra e indígena deixa transparecer uma inferioridade destas em relação ao branco europeu. Quando comenta sobre a chegada cada vez mais massiva de escravos negros, deixa claro essa postura:

De mês em mês chegam carregamentos cada vez maiores de escravos africanos [...]. durante algum tempo, a influência européia, civilizadora, corre o risco de desaparecer diante da quantidade de negros e do número surpreendente de mamelucos produzidos pelos portugueses, estes mestiços de todos os matizes. (ZWEIG, 2006, p. 52)

Quando descreve a história do Imperador D. Pedro II, Zweig outra vez deixa transparecer um laivo de eurocentrismo. Depois de narrar as boas qualidades do monarca, sua capacidade, inteligência e humanidade, faz questão de ressaltar: “O novo imperador Pedro II, o ‘imperador-menino’, pelo sangue um Habsburgo e um Bragança” (ZWEIG, 2006, p. 71). Curiosa referência por parte de uma entre milhões de vítimas do discurso de pureza sangüínea e racial. Diz que D. Pedro é brasileiro, que nenhum brasileiro pode se arrogar pureza sangüínea, mas ressalta esta condição no imperador.

Mais evidente esta postura quando Zweig relata a chegada de levas de imigrantes europeus em fins do século XIX. Diz o autor:

Essa imigração de quatro a cinco milhões de brancos nos últimos cinquenta anos significou uma imensa injeção de energia para o Brasil e trouxe, ao mesmo tempo, um enorme lucro cultural e etnológico. A raça brasileira, cuja pele ameaçou escurecer cada vez mais com três séculos de importação de negros, volta a clarear visivelmente, e o elemento europeu, ao contrário dos escravos analfabetos e criados de forma primitiva, aumenta o nível cultural. (ZWEIG, 2006, p. 114)

A despeito da evidente e pública postura de Zweig contra os totalitarismos que vivenciou na Europa, apesar de sentir na própria carne a condição de exilado por questões puramente raciais, seu discurso deixa transparecer neste trecho da obra uma visão um tanto quanto preconceituosa, contrariando seu próprio discurso sobre a harmoniosa relação das raças no Brasil.

Em alguns outros momentos da obra, o menosprezo pela cultura indígena e africana, em contrapartida, uma exaltação da Europa como mãe da cultura, é mais explícita ainda, como no que citamos a seguir:

Por mais que o país nos últimos anos tenha acrescentado novas combinações e esforço próprio, os elementos constitutivos de sua cultura foram totalmente importados da Europa. Tanto a religião e os costumes quanto o estilo de vida destes milhões e milhões de pessoas não devem, na verdade, nada ao solo nativo. Todos os valores culturais foram trazidos através dos mares em embarcações dos tipos mais diferentes [...], e mesmo o esforço mais piedoso e ambicioso não foi ainda capaz de encontrar ou inventar uma contribuição fundamental dos aborígenes nus ou canibais para a cultura brasileira. (ZWEIG, 2006, p. 127)

O escritor/profeta não tem olhos para o novo, apenas para o velho, seu país do futuro não está no futuro, porém no passado de seu mundo. Sua utopia não é de um lugar redentor, mas de um retorno a sua Europa que não existe mais.

Já sobre a idéia de nação brasileira, muitas vezes Zweig afirma que o “Brasil pertence aos brasileiros” e lê a história do Brasil como uma gloriosa epopéia de um povo para constituir sua nação. Isso parece contraditório quando ressalta o caráter não exclusivista ou xenófobo dos brasileiros. Sobre os bandeirantes, por exemplo, elogia suas ações, a despeito de todo o massacre que impetraram, simplesmente porque “complementam a obra civilizadora da construção do Brasil” (ZWEIG, 2006, p. 60). É curioso como Zweig tolera o passado (os massacres promovidos pelos bandeirantes em nome de uma expansão territorial e busca por riquezas) mas não suporta o presente de sua Europa.

Para Zweig, a razão para o fim da monarquia no Brasil estava no fato de que: “a princesa herdeira é casada com um príncipe d’Eu da casa de Orléans, e

a consciência nacional brasileira já se tornou tão forte e ao mesmo tempo sensível, que não quer reconhecer um príncipe de outra linhagem” (ZWEIG, 2006, p. 76).

Nesta ótica, portanto, a monarquia não é tolerada e sustentada por razões políticas ou sociais, mas por xenofobia nacional.

A ânsia por encontrar um refúgio contra os males que afligiam a Europa não permitiram ao escritor ver com clareza, ou mesmo procurar aprofundar-se sobre os problemas e questões do Brasil. Contentou-se com uma visão superficial e plana, fruto do seu desejo ou de sua vocação profética. Denunciou os males da Europa e anunciou a redenção no Brasil, não notando o quanto aproximava estes dois. Seu ideal o distanciou tanto da Europa quanto do Brasil, pois consegue ver neste país apenas a Europa de seus sonhos.

Atenuações em nome de um ideal

Para que seu quadro deste paraíso reencontrado fosse mais perfeito e ideal, Zweig teve que fazer algumas atenuações no quadro em que viu. Nestes momentos cala-se o crítico e uma voz de condescendência aparece, num tom quase lírico, enaltecendo uma miséria histórica do Brasil. Em um subtópico intitulado “Algumas coisas que amanhã talvez hajam desaparecido”, o profeta fala das favelas do Rio de Janeiro. Sua descrição delas não consegue enxergar o problema social que já se anunciava. O profeta consegue ver um futuro maravilhoso do Brasil, mas não é capaz de perceber o quanto o presente do país no momento em que o livro é escrito já dava mostras de algumas coisas que “amanhã não iriam desaparecer”. A citação é longa, porém necessária. Diz o autor:

Algumas das coisas singulares, que tornam o Rio tão colorido e pitoresco, já se acham ameaçadas de desaparecer. Sobretudo as “favelas”, as zonas pobres em plena cidade, será que ainda as veremos daqui a alguns anos? Os brasileiros não gostam de falar dessas “favelas”; no ponto de vista social e no ponto de vista higiênico, constituem elas um atraso, numa cidade muito limpa e que, por um serviço modelar de higiene, em alguns anos se libertou inteiramente da febre amarela, que outrora nela era endêmica. Mas as “favelas” apresentam um colorido especial no meio dessa figura caleidoscópica, e ao menos umas dessas estrelinhas do mosaico deveria ser conservada no quadro da cidade, porque elas representam um fragmento da natureza humana primitiva no meio da civilização. A cinco minutos de uma praia de luxo, de uma avenida, parece-nos estarmos numa aldeia da Polinésia ou da África. Vemos o máximo de primitividade, a maneira mais simples de habitar e de viver, uma maneira que na Europa ou nos Estados Unidos da América do Norte já quase não se acredita exis-

tir. Mas, coisa curiosa, o espetáculo nada tem de aflitivo, de repulsivo, de vergonhoso, pois esses moradores se sentem ali mil vezes mais felizes do que o nosso proletariado em suas casas de cômodos. [...] têm a mais bela vista que se pode imaginar, a mesma vista que têm as mais caras vilas de luxo, e é a mesma natureza luxuriante que ali orna seus lotezinhos com palmeiras, e generosamente lhes dá bananeiras essa maravilhosa natureza do Rio, que não deixa a alma ser melancólica e infeliz, porque, incessantemente, afaga, com sua mão macia e tranqüilizadora. Quantas vezes subi aqueles degraus escorregadios, de barro, para visitar essas zonas de gente humilde. Nunca vi por ali uma pessoa pouco afável ou uma pessoa triste. Como essas “favelas” desaparecerá uma parte interessante, um pedaço incomparável do Rio. [...]. (ZWEIG, 2001, p. 69)

Essa mesma visão idílica das favelas foi utilizada pelo Ministro do Turismo do Governo Fernando Henrique Cardoso, Rafael Grega, em 1999, que bem no estilo zweigano declarou que havia algo de lírico nas favelas, desconsiderando todos os problemas sociais que as originaram e originados nelas.

Nosso escritor/profeta se equivocou em suas profecias. As favelas não só não desapareceram como se multiplicaram. Sua primitividade se acentuou e o lirismo visto por Zweig deu lugar à falta de esperança, talvez a mesma que o escritor sentia em relação a sua Europa totalitária e racista.

Brasil, país do futuro?

Chega-se, finalmente, ao que seria uma conclusão desta leitura. Uma conclusão que não encerra a leitura em si, pois não estamos certos de estar no futuro de Zweig. Todavia, mais de 60 anos depois da publicação de **Brasil, um país do futuro**, podemos considerar um tempo suficiente para constatar o quanto o futuro vislumbrado por Zweig se concretizou ou realizou. Já podemos nos permitir ler as “profecias” de Zweig para o Brasil e, mesmo com todas suas contradições, ver o quanto elas se realizaram ou não. Poderíamos para isso fazer um passeio pelo livro, do início ao fim, destacando suas antevistas sobre o país que considerava o “futuro do mundo”, no entanto, com isso, matariamos a profecia. Devemos ficar com a esperança do futuro, a esperança que Zweig não teve paciência de aguardar, ou questionar este futuro utópico?

Qual seja a nossa posição as perguntas que nos ficam são as seguintes: é de fato o Brasil um país do futuro? O futuro já chegou? ou devemos ainda esperá-lo com a esperança que Zweig perdeu?

Terminamos com as palavras de Dines sobre **Brasil, um país do futuro**:

Concebido como prospecto, virou prospecção. Meio século depois – e não por culpa do autor – é um inconfortável repositório de desilusões. Pelo espelho retrovisor, pode ser lido como uma coleção de oportunidades perdidas – futuro atrasado ou adiado sine die. Desejo desperdiçado, porque manifestado pelo Outro, o gringo. As passagens em que a realidade não corresponde à descrição podem ser vistas como projeções possíveis, programa para gerações futuras, exercício na arte do devir e do divisar. (DINES, 2004, p. 368)

Talvez assim também nossa leitura, “projeções possíveis, programa para gerações futuras, exercício na arte do devir e do divisar”, porém, como a obra de Zweig, certa de que não ficou impassível diante do mundo novo; no caso do escritor vienense, o Brasil, no nosso caso, a sua obra.

Abstract

This article makes a reading of Viennese writer Stefan Zweig's book **Brasil, um país do futuro** (Brazil, a country of the future), pointing out how far the author's discourse is endowed with certain prophetic aspects when it refers to Brazil. His desire to see Brazil, in the 40's, as a land free from the intolerance and violence that devastated Europe during World War II made Zweig revive the mythological image of the country as a paradisiacal land, a rediscovered Eden. His description of Brazil, rather than optimistic, acquires a prophetic aspect when he emphasizes the fact that the prevailing harmony and peace of the country made it a locus for the advent of a messianic and utopian future. Curiously, the writer/prophet often betrayed his prophecies, projecting in Brazil old European values, and sometimes contradicting himself as to the issue of tolerance and harmony that he witnessed in Brazil.

Key words: Stefan Zweig; Voyage literature; Prophetism; Intolerance; Messianism.

Referências

DINES, Alberto. *A morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DINES, Alberto. *A morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Tradução Odilon Gallotti. eBookLibris, 2001. Disponível no endereço: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html>>. Acesso em: 3 dez. 2006.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Tradução Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2006.